

MEMÓRIAS E ROMANCE EM “FREI SIMÃO”, DE MACHADO DE ASSIS

Cilene Margarete Pereira*

Resumo

Este ensaio examina as estratégias de construção da narrativa de “Frei Simão”, de Contos Fluminenses (1870), e o modo como o narrador machadiano questiona a “inviolabilidade senhorial”.

Palavras-chave: narrador; romance; inviolabilidade senhorial.

Abstract

This essay aims at examining the strategies of the narrative the construction of “Frei Simão”, from Contos Fluminenses (1870), and how the machadiano narrator questions the inviolability of the masters.

Key words: narrator, romance, inviolability of the masters.

INTRODUÇÃO.

Em 1870, Machado de Assis publica *Contos Fluminenses*, seu primeiro volume de narrativas. A coletânea, formada por histórias publicadas no *Jornal das Famílias*,¹ trata do tema amoroso a partir de imagens matrimoniais falhadas e/ou da desilusão de seus protagonistas. Nessa perspectiva, o volume poderia ser dividido em dois blocos complementares: no primeiro, a imagem do casamento falhado é revelada por meio do desajuste entre a realidade conjugal e os desejos amorosos das personagens, especialmente as femininas, circunscritas em um pólo de atuação bem mais restrito que o do homem. Problemas advindos da rotina da vida a dois, do modo de entendimento do casamento na visão de homens e mulheres e traições são evidenciados. Em alguns casos, a própria voz feminina se encarrega de revelar os problemas conjugais como ocorre em “Confissões de uma viúva moça”. No segundo grupo, a ques-

tão passa pelos desdobramentos dos aspectos pecuniários e dos acordos paternos envolvidos na resolução do contrato. Esse bloco põe em evidência o grau de autoridade que os pais (ou seus agentes) têm na decisão matrimonial, do mesmo modo que afirma a prática do casamento de interesse, reforçada pelo sistema dotal. “Luís Soares” e “O segredo de Augusta” são exemplos fortíssimos dessa intromissão paterna no destino amoroso das filhas, que não por acaso têm o mesmo nome, Adelaide. Em “Frei Simão”, no entanto, a situação dos arranjos matrimoniais paternos adquire contornos bem mais drásticos. Concorre para isso um enredo excessivamente romântico e tradicional, onde se sobressaem personagens enlouquecidas e enclausuradas pelo amor, mortes trágicas e mentiras, tudo isso contado pela voz de um narrador/autor adepto de certas fórmulas do gênero sentimental. Ainda assim, é possível dizer que o narrador machadiano consegue, dentro das perspectivas convencionais de sua história, questionar o sistema patriarcal e suas práticas sociais.

1. O NARRADOR E A CONSTRUÇÃO DO “ROMANCE”.

“Frei Simão”, narrativa que encerra *Contos Fluminenses*, fora a primeira história publicada por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, no ano de 1864. O texto talvez tenha servido de base para a construção do narrador feminino em “Confissões de uma viúva moça” (1865), já que nestes dois contos figura a imagem do “escritor”, utilizando-se ambos da memória como matéria-prima para o relato. No caso de Eugênia, a narradora de “Confissões de uma viúva moça”, a matéria que dá ensejo às suas cartas, levemente romanceadas, é resultado de sua própria vivência e do processo de sedução a que fora submetida pelo jovem Emílio. Em “Frei Simão”, a história deste é contada a partir

* Doutoranda em Teoria e História Literária pela Unicamp, bolsista do CNPq.

¹ A exceção é “Miss Dollar”, inédita até o aparecimento do volume.

da leitura, decodificação e, sobretudo, do preenchimento que um outro faz de suas fragmentadas memórias.

Eram, pela maior parte, fragmentos incompletos, apontamentos truncados e notas insuficientes; mas de tudo junto pode-se colher que realmente frei Simão estivera louco durante certo tempo. (CF, 258).²

Inúmeras questões decorrem do procedimento de apreensão das memórias, especialmente associadas à figuração do “autor da narrativa” da história de frei Simão. Talvez uma das questões mais importantes e fundamentais seja a de estabelecer quem é, afinal, este autor. Como ele tivera acesso às memórias do falecido frei? Que intenção há por detrás da revelação do segredo de Simão? Essas primeiras perguntas relativas à identidade (e intenções) do autor, se não podem ser de fato respondidas, apontam, no entanto, para um esboço preliminar de sua figura, pois ao que tudo indica trata-se de um frei da mesma ordem beneditina da qual fizera parte Simão. Isso explicaria o contato com o manuscrito e o objetivo de sua reescrita, tornando “público” o drama vivido pela personagem masculina enlouquecida.

Para evidenciar melhor sua própria figuração como autor do texto, o narrador trata de situar primeiramente as condições exatas da vivência de Simão no convento e as circunstâncias de sua morte, pontuando sempre a distinção deste aos demais freis. Todo o capítulo I do conto tem a função de introduzir a figura “taciturna e desconfiada” de Simão, o mistério que envolvia seu exílio espiritual e a condição ímpar de sua morte. O resumo informativo é tratado com isenção e objetividade, como se o autor tivesse visto os fatos de perto, mas sem se envolver efetivamente nos acontecimentos. As informações poderiam ter sido colhidas até mesmo por alguém não pertencente ao convento, tamanha a imparcialidade da narrativa. Ainda que o autor chegue a declarar que a velhice prematura de Simão era justa devido a seu penoso passado, isso é dito em relação direta aos eventos descritos nas memórias do frei. Não há, no “prefácio” do conto, nenhum índice que pontue a adesão do narrador ao mundo de Simão, apesar do completo conhecimento daquele a respeito do modo de vida do frei.³

Se, por um lado, não podemos identificar efetivamente o autor como um dos companheiros de Simão no claustro, por outro, aspectos ligados ao comportamento dos demais freis e de sua insistente curiosidade a respeito do misterioso colega ajudam a demonstrar sua familiaridade com as circunstâncias da história e do achado do manuscrito. Ele pare-

ce estar tão ansioso quanto os colegas do frei morto para revelar a causa secreta do comportamento taciturno de Simão.

Já que é em meio ao mistério que a personagem principal nos é apresentada, o relato propõe ser, em parte, a revelação do “véu misterioso que envolvia o passado de Frei Simão” (CF, 258). O autor se utiliza da curiosidade latente dos outros freis a respeito de Simão para impor a seu leitor o mesmo procedimento. Por isso os preâmbulos da narração das memórias propriamente ditas da vida do frei são tão importantes ao relato. De certo modo, a introdução do texto constrói a “moldura narrativa” necessária à história de Simão, apresentando inclusive um deslocamento temporal importante à estruturação do conto, a fim de manter o suspense em torno do frei. Aquilo que em “Confissões de uma viúva moça” estava ausente – “a moldura narrativa” –, surge em “Frei Simão”, a partir da introdução implícita de um “editor” não nomeado, que rescreve as memórias do finado frei, assumindo as funções de autoria e narração da história apresentada ao público.

A figura do editor, o “autor” que assina o romance, é fundamental a todo o processo de composição narrativa baseado em manuscritos. Esse fator confere um contorno de verdade à história e garante a credibilidade do leitor.

... chama-se editor de uma narrativa à entidade que esporadicamente aparece no preâmbulo, facultando uma qualquer explicação para o aparecimento do relato que depois se insere e de certo modo responsabilizando-se pela sua divulgação; trata-se, pois, de um intermediário entre o autor e o narrador, intermediário que mantém com qualquer dos dois relações muito estreitas. (REIS; LOPES, 1996, 117).

No conto, a questão da autoria torna-se complexa, já que sabemos que Simão é responsável apenas pelas anotações difusas que servem para o verdadeiro “autor da narrativa” (o editor/escritor) compor formalmente a história. Desse modo, as escolhas estilísticas e de gênero são feitas pelo editor do material e autor da narrativa e não por Simão. A confusão provisória entre as entidades ficcionais serve mesmo para dar autenticidade ao relato, inscrevendo-o no campo da verdade, onde o frei ganha *status* de pessoa real por intermédio da introdução de um “editor/autor”, agenciado de perto pela entidade do narrador. Assim, editor (que coleta o material), autor (que escreve a narrativa) e narrador (que conta a história) são uma única e mesma pessoa não nomeada.

Essa “moldura narrativa”⁴, entretanto, não responde a todas questões do leitor. Uma das lacunas funcionais mais

² Adotamos CF para a denominação de *Contos Fluminenses*, conforme consta na bibliografia final deste ensaio.

³ A estrutura textual de “Frei Simão” tenta escamotear o prefácio, já que essa primeira parte do conto destina-se a cumprir suas funções sem que seja nomeado com este rótulo. Se compararmos essa primeira parte do conto com a que introduz “Confissões de uma viúva moça”, veremos que os elementos são praticamente os mesmos: identificação e condições de descoberta da matéria narrada, procedimentos de escrita, esclarecimento dos objetivos (muitas vezes implícitos), etc.

⁴ Oscar Tacca chama de “moldura narrativa” a parte inicial do texto, onde “o romancista prepara as condições (a moldura) para que uma personagem relate a sua história (que é a ‘história do romance’).” (TACCA, 1983, 43). No caso de “Frei Simão”, essa moldura é remodelada a partir da reescrita que o editor faz do manuscrito do frei.

evidentes em “Frei Simão” diz respeito à ausência de explicação quanto ao modo de construção da narrativa. Aliás, isso é estrategicamente acobertado do leitor, que sequer tem as condições de descoberta do manuscrito relatadas adequadamente. Só o que se sabe é aquilo que o narrador/editor dispõe em seu texto:

Entretanto procedeu-se ao inventário dos objetos que pertenciam ao finado, e entre eles achou-se um rolo de papéis convenientemente enlaçados, com este rótulo: “Memórias que há de escrever frei Simão de Santa Águeda, frade beneditino”. Este rolo de papéis foi um grande achado para a comunidade curiosa. Iam finalmente penetrar alguma coisa no véu misterioso que envolvia o passado de frei Simão, e talvez confirmar as suspeitas do abade. O rolo foi aberto e lido para todos. (CF, 257/8).

Inventário, descobrimento do manuscrito, desejo de conhecer os segredos do frei, leitura dos papéis. Tudo é narrado em tom seco, sem que haja nenhuma interferência maior do narrador do que a de informar seu leitor sobre a curiosidade dos monges em relação ao passado de Simão. Essa ênfase funciona de forma semelhante ao título dado por Machado a uma outra narrativa de *Contos Fluminenses*, “O segredo de Augusta”, que promete também a revelação de um mistério relativo à personagem feminina. Em meio a tudo isso, o narrador coloca sutilmente ao leitor uma possível explicação acerca da intenção de escrever seu relato baseado no manuscrito deixado pelo frei. Este seria um desejo expresso pelo próprio Simão, a considerar o título dado ao rolo de papéis: “Memórias que há de escrever frei Simão de Santa Águeda, frade beneditino” (grifos nossos). Ao mesmo tempo a rótula afirma que o próprio frei tinha consciência da fragmentação e obscuridade do manuscrito, já que seriam apontamentos e trechos das memórias que escreveria um dia. Tudo isso sugere, enfim, que a narrativa apresentada pelo narrador de “Frei Simão” é consequência do desejo do frei, impossibilitado pela morte ou pela insanidade de fazê-la ele mesmo.

Só de maneira bem indireta e implícita o autor/narrador nos revela o grau de manipulação do manuscrito, justificando-a em nome da falta de sanidade mental de seu escritor. Os “fragmentos incompletos, apontamentos truncados e notas insuficientes” vinham a servir de prova da demência do frei e a explicar a enigmática frase proferida por ele no leito de morte: “Morro odiando a humanidade!” (CF, 257). Se para o abade do convento a frase era um sintoma inequívoco da alienação de Simão, para os outros, significava que havia realmente um mistério em torno do passado do morto. De qualquer modo, o narrador trata de

providenciar a junção entre as duas hipóteses ao narrar a vida de Simão, sugerindo que este já entrara meio louco no convento em decorrência de seu passado. É dessa união especulativa que nasce o “romance” de “Frei Simão” e a figura do primeiro narrador-escritor machadiano.⁵

A princípio, conforme sugerem os trechos iniciais do conto, parece que a tarefa do narrador seria apenas a de um editor, ora selecionando trechos menos obscuros e mais úteis à composição geral da história, ora desprezando partes incompreensíveis e/ou deslocadas do tema central da narração. Mas à medida que o relato progride, a idéia de composição romanesca torna-se mais nítida, pois sua estrutura textual se modifica, assumindo um ar de construção ficcional, ainda que baseada em fatos reais. São introduzidos trechos de cartas, diálogos e diversas descrições das personagens envolvidas na trama. Será que dentre o material incompleto, truncado e insuficiente do frei haveria tantas referências diversas, feitas com minúcias? Mas o que mais chama a atenção do leitor é o acesso irrestrito a inúmeras informações que parecem não proceder das memórias do frei, já que não era possível que ele as tivesse presenciado. Nesse sentido, dois exemplos saltam aos olhos: a introdução da carta do pai de Simão destinada ao amigo Amaral e as informações a respeito do casamento de Helena.

... A carta do pai de Simão versava assim:

“Meu caro Amaral,

“Motivos ponderosos me obrigam a mandar meu filho desta cidade. Retenha-o por lá como puder. O pretexto da viagem é ter eu necessidade de ultimar alguns negócios com você, o que dirá ao pequeno, fazendo-lhe sempre crer que a demora é pouca ou nenhuma. Você, que teve na sua adolescência a triste idéia de engendrar romances, vá inventando circunstâncias e ocorrências imprevistas, de modo que o rapaz não me torne cá antes de segunda ordem. Sou, como sempre”, etc. (CF, 260/1).

Como o editor tem acesso à carta do pai de Simão se o próprio filho não sabia o seu conteúdo? Se há algo que fica colocado de maneira inequívoca na narrativa sobre a vida do frei é que ele só descobre a manipulação paterna depois de ver Helena viva (e casada) na Igreja. Poderia o frei, depois do episódio, em completo delírio e declínio mental, ter condições psicológicas de reconstituir sua própria história “inventando” ou “especulando” o conteúdo exato da carta que o distanciara da casa paterna? Considerando a eficácia do narrador em provar a degradação mental de Simão depois da morte forjada de Helena, e da entrada deste no convento, é pouco provável. O mais certo é apostar que a inserção da carta é obra do narrador/autor e de seu espírito

⁵ Na esteira do narrador de “Frei Simão” vieram Eugênia (“Confissões de uma viúva moça”); Brás Cubas (*Memórias póstumas de Brás Cubas*), Bento Santiago (*Dom Casmurro*) e Aires (*Memorial de Aires*), estes três últimos exímios na arte narrativa, sobretudo devido a seus papéis sociais de advogados e/ou diplomatas.

romanesco, a fim de documentar melhor a história do amor proibido (socialmente) entre os primos. A pista deixada pelo narrador machadiano é a referência direta que a carta do pai de Simão (escrita pelo próprio “autor da narrativa”) faz ao gosto adolescente de Amaral “de engendrar romances”. Do mesmo modo, o narrador parece se alimentar das memórias de Simão para compor ele mesmo um romance, preenchendo com diálogos, descrições e circunstâncias diversas as anotações insuficientes deixadas pelo frei. Tudo isso contribuiria, no entendimento do narrador, para deixar mais evidente a trajetória percorrida por Simão até o convento e sua crescente insanidade.

As poucas e fundamentais informações a respeito do marido de Helena parecem também ser obra do narrador, dando maior credibilidade ao amor dos amantes e exacerbando ainda mais o conteúdo trágico da história.

O pregador estava a terminar, quando entrou apressadamente na igreja um par, marido e mulher: ele, honrado lavrador, meio remediado com o sítio que possuía e a boa vontade de trabalhar; ela, senhora estimada por suas virtudes, mas de uma melancolia invencível. (CF, 264).

Se Helena estava casada, não era em hipótese alguma uma mulher feliz, mesmo com um marido valoroso a seu lado. As virtudes do lavrador e as dela própria só ressaltam a infelicidade de ambos e as consequências nefastas do ato voluntarioso e egoísta do pai de Simão. Fica muito difícil crer que o frei, depois do desvario, tenha conseguido obter informações sobre Helena e seu marido. Novamente, a inserção parece sair mais da pena do narrador do que das anotações difusas do moço. No manuscrito, segundo nos informa o “autor da narrativa”,

... há uma série de reticências dispostas em oito linhas. Ele próprio não sabe o que se passou. Mas o que se passou foi que, mal conhecera Helena, continuou o frade o discurso. Era então outra coisa: era um discurso sem nexos, sem assunto, um verdadeiro delírio. (CF, 264).

Se Simão não sabe qual fora o fim exato do episódio, o narrador trata de esclarecer o leitor, pontuando no texto um pouco mais da fragilidade mental do frei, tornando-o cada vez menos capacitado para o labor literário de suas próprias memórias. Observemos, mais uma vez, as condições de produção da narrativa de “Frei Simão”, segundo seu “autor”:

O autor desta narrativa despreza aquela parte das Memórias que não tiver absolutamente importância; mas procura aproveitar a que for menos inútil ou menos obscura. (CF, 258).

Como caracterizar o que tem ou não importância em um texto tão omissivo? Em torno de que idéia central giram as informações “menos inúteis” e “menos obscuras”?⁶ Sem dúvida, o eixo da narrativa está centrado na tentativa de explicar a completa deserção de Simão em relação ao mundo exterior e seu ódio mortal à humanidade. Por isso, tudo que se liga ao sofrimento amoroso do moço (episódio do passado secreto) deve estar bem pontuado na narrativa. A intervenção do narrador torna-se necessária para uma melhor compreensão do drama real do frei; seus acréscimos funcionam, no entanto, não apenas como forma de preencher as lacunas existentes nas memórias, mas sobretudo como meio de transformá-las num breve e convencional romance. Desse modo, aquilo que se apresentava inicialmente apenas como um trabalho de editoria, tem valor de reescrita, transformando a mera figura do editor em romancista e “autor da narrativa”. Tal qual ocorre com as memórias de Eugênia em “Confissões de uma viúva moça”, o manuscrito das lembranças deixado por Simão é romanceado, construído de forma a trazer um maior interesse ao leitor, seja dispensando-o da confusão mental do frei, seja levando-o indubitavelmente pelos caminhos do “romance sentimental” e de seus clichês. Machado de Assis, prosador iniciante, cria um narrador romancista meio atrapalhado e pouco confiável que só conhece, por ora, as convenções e saídas estereotipadas do gênero.

2. A VOZ “SILENCIADA” DE SIMÃO E AS ESTRATÉGIAS NARRATIVAS.

A imparcialidade narrativa, vista na primeira parte do conto, é rompida mais adiante, quando o narrador/autor toma partido da situação de Simão, criticando pontualmente o comportamento do pai do protagonista. Não só a imparcialidade inicial deixa de existir, como que o narrador parece se identificar com as dores do frei, expressando de modo sutil o seu alto grau de indignação, ao mesmo tempo em que preserva em seu texto a submissão do filho diante da autoridade paterna. O narrador assume, neste momento, um tom mais crítico, sobrecarregando as atitudes obedientes de Simão. Mas o alvo a ser alcançado aqui é claramente o sistema patriarcal e sua inviolabilidade. Logo no início da segunda parte do conto, o narrador já nos põe em contato com as primeiras imposições do pai de Simão:

As notas de frei Simão nada dizem do lugar do seu nascimento nem do nome de seus pais. O que se pôde saber dos seus princípios é que, tendo concluído os estudos preparatórios, não pôde seguir a carreira das letras, como desejava, e foi obrigado a entrar como guarda-livros na casa comercial de seu pai. (CF, 258).

⁶ Essa atitude seletiva do “narrador” se assemelha à do editor de *Memorial de Aires* (1906), também composto por memórias. Ambas as entidades ficcionais se utilizam do método de desbastar e recortar como “forma” dos relatos que apresentam.

Diante de notas tão truncadas, o narrador se atém em narrar aspectos que de fato interessem à história de Simão. Desse modo, começar seu texto revelando a arbitrariedade paterna e a submissão do filho é alertar o leitor para o princípio básico em que se estruturou a vida do frei e, conseqüentemente, o relato advindo desta. Em outras palavras, toda a narrativa sobre a vida de Simão nasce exatamente do mesmo movimento que a circundou: o conflito quase inexistente – porque não posto em prática – entre os desejos paternos e os do filho, que se submete gradativamente. Desde logo vemos que a equação leva de maneira incondicional à vitória do pai do protagonista que, a exemplo de tantos outros pais do século XIX brasileiro, limita as escolhas do filho. Simão é impedido de seguir a carreira desejada, mantendo-se ao alcance físico da mão paterna, na continuidade dos negócios da família.⁷

Se, conforme postula o narrador, Simão não deixa vestígios em seus papéis de dados relativos à sua origem, isso sugere efetivamente que o frei não estava, ainda que de forma esboçada, escrevendo suas memórias, mas tão somente lembranças que se ligam de algum modo ao evento que o levara ao claustro e que, talvez, o alienara.⁸ Marcar este primeiro descompasso entre desejo paterno (comércio) e filial (carreira das letras) parece ser, nesse sentido, tarefa do próprio Simão, como a revelar sua primeira (e única) insubordinação muda e tardia em relação à figura do pai.

De qualquer modo, o texto apresentado evidencia essa indisposição inicial entre filho e pai, a partir de uma cuidadosa escolha semântica: “desejava” *versus* “foi obrigado”. A construção da narrativa se fará sobretudo pela ênfase nestes dois pólos, ressaltados ademais pela voz interferente e crítica do próprio narrador, numa demonstração às vezes exagerada de compadecimento ao drama de Simão e Helena.

Não tardou muito que os pais de Simão descobrissem o amor dos dois. Ora é preciso dizer, apesar de não haver declaração formal disto nos apontamentos do frade, é preciso dizer que os referidos pais eram de um egoísmo descomunal. Davam de boa vontade o pão da subsistência a Helena; mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não podiam consentir. Tinham posto a mira em uma herdeira rica, e dispunham de si para si que o rapaz se casaria com ela. (CF, 259, grifos nossos).

Essa identificação entre o narrador/autor e seu protagonista acaba por ser um índice da própria identificação entre o leitor e Simão. Para isso, é preciso chamar a atenção

daquele para a atitude egoísta dos pais do frei, ressaltando, no entanto, que os apontamentos não declaram este egoísmo formalmente. Ou seja, a frase é a simples constatação do narrador diante do ato arbitrário dos pais de Simão, e não deve ser entendida de forma alguma como um gesto direto de insubordinação e acusação do próprio filho. De certo modo, o que o narrador faz aqui é interpretar os escritos de Simão, desobrigando seu leitor a fazê-lo. O mais importante nisso tudo é que a crítica direta aos pais do protagonista funciona como uma espécie de insubordinação maior do narrador, destinada a todo o sistema patriarcal, em que certamente estão inscritas atitudes como as reveladas no texto.

Essa mesma lógica social atua em outras duas narrativas de *Contos Fluminenses*, “Luís Soares” e “O segredo de Augusta”, nas figuras respectivas de Bento e Vasconcelos. Nestes dois contos também emergia uma voz discordante da do patriarca, capaz de evidenciar melhor ao leitor os arbítrios da vontade senhorial. Em “Luís Soares”, a discordância adquire um sentido maior no texto machadiano, pois Anselmo, responsável pelo cumprimento das exigências do testamento do amigo Bento – que dispunha a entrega da herança mediante o casamento da filha com o dissipador e interesseiro Luís Soares –, é quem questiona as prerrogativas do direito paterno. Para entendermos melhor o ato de Anselmo e o quanto ele pode ser visto como desestabilizador da ordem (da inviolabilidade) senhorial, recorremos a *Helena* (1876) – terceiro romance de Machado – e ao testamento do Conselheiro Vale por meio da análise de Sidney Chalhoub. Para o historiador, Estácio, único filho do Conselheiro,

era o principal interessado em que as últimas vontades do pai fossem cumpridas; com efeito, o ritual de submissão às determinações derradeiras do finado significava solidificar a própria condição de Estácio como detentor, daí em diante, do poder de exercício da vontade senhorial. (...) Estácio era, efetivamente, o hábil depositário de uma tradição, um chefe de família/senhor/proprietário, garantidor e continuador de toda uma hegemonia política e cultural. (CHALHOUB, 2003, 22/3).

A postura de Estácio em aceitar as prerrogativas do testamento do pai evidencia, por comparação opositora, o papel desarticulador representado por Anselmo em “Luís Soares”: ambos são, nesse momento, responsáveis por garantir a vontade senhorial, mas não exercem suas funções do mesmo modo. Ou seja, aquilo que Estácio entende como

⁷ “De acordo com o estereótipo comum da família patriarcal brasileira, o *pater familias* autoritário (...) dominava tudo: a economia, a sociedade, a política, seus parentes e agregados, seus filhos e sua esposa submissa.” (ROCHA-COUTINHO, 1994, 67).

⁸ Se o frei tivesse a intenção de escrever suas memórias tal como entendemos este tipo de texto, dados como local de nascimento, histórias da infância, informações a respeito dos pais são de suma importância. Parece-nos que, acima de tudo, Simão pretende com seus escritos conservar sua história de amor, ao mesmo tempo em que revertê-la em uma espécie de processo confortador. Escrever, nesse sentido, tem uma função de nítido vicarismo. Esse aspecto pontua a trajetória de outro narrador/escritor machadiano em *Contos Fluminenses*, Eugênia, de “Confissões de uma viúva moça”.

legitimidade de seu próprio poder, Anselmo recusa, não por não fazer parte da família, mas por relativizar melhor as implicações da decisão paterna na vida de Adelaide. Em “Frei Simão”, o papel discordante cabe agora ao narrador/autor da narrativa, que coloca sua voz a serviço da mudez de seu protagonista, distante certamente do ímpeto da negação feminina vista nestes outros contos.⁹

Mesmo que a lógica do sistema dê força à autoridade do pai, é preciso que ele desempenhe com destreza seu papel, a fim de alcançar seus objetivos com melhores resultados. O procedimento adotado em “Frei Simão” é bem semelhante ao empregado por Vasconcelos em “O segredo de Augusta”: a encenação e a mentira.¹⁰

Uma tarde, como estivesse o rapaz a adiantar a escrituração do livro mestre, entrou no escritório o pai com ar grave e risonho ao mesmo tempo, e disse ao filho que largasse o trabalho e o ouvisse. O rapaz obedeceu. O pai falou assim:

*- Vais partir para a província de***. Preciso mandar umas cartas ao meu correspondente Amaral, e como sejam elas de grande importância, não quero confiá-las ao nosso desleixado correio. Queres ir no vapor ou preferes o nosso brigue?*

Esta pergunta era feita com grande tino.

Obrigado a responder-lhe, o velho comerciante não dera lugar a que seu filho apresentasse objeções.

O rapaz enfiou, abaixou os olhos e respondeu:

- Vou onde meu pai quiser.

O pai agradeceu mentalmente a submissão do filho, que lhe poupava o dinheiro da passagem no vapor, e foi muito contente dar parte à mulher de que o rapaz não fizera objeção alguma. (CF, 259, grifos nossos).

Aqui, duas informações são marcantes: o modo de estruturação textual do fato (conversação) e a intensificação semântica dos pólos representados pela autoridade paterna e pela submissão filial. Já dissemos em outro momento que essa dialogação do texto deve ser atribuída ao narrador/autor do conto, numa espécie de estratégia de romancização das memórias do frei. Nessa conversação dos apontamentos incompletos e truncados de Simão para o texto final apresentado, há certamente uma série de manipulações do autor que tenta dar conta do acontecido, ao mesmo tempo em que se compraz em expressar a revolta interior do protagonista, só assumida por ele formalmente no fim da

vida: “Morro odiando a humanidade!”. Ainda assim, a frase proferida pelo frei próximo da morte opera uma generalização em torno das ações de responsabilidade única e exclusiva de seus pais. Isto é, mais do que indignação diante das imagens do pai e da mãe, Simão expande seu ódio ao mundo que possibilita que histórias como a sua e de Helena ocorram com certa frequência. Nesse sentido, a dramatização negativa da experiência de Simão é bem maior do que a das duas personagens femininas de “Luís Soares” e “O segredo de Augusta”, pois ambas estavam sendo obrigadas a contrair um casamento de conveniência sem que amassem outra pessoa. No caso de Simão, o casamento ansiado e “negociado” pelos pais contrariava os desejos amorosos do filho, que amava Helena e era amado por ela.

Se em “Luís Soares” e “O segredo de Augusta” vozes interferentes (Anselmo e Lourenço, respectivamente) surgem de dentro da própria família¹¹ para questionar a autoridade paterna sobre o destino dos filhos, em “Frei Simão”, a única voz discordante é a do narrador/autor, distante da realidade (e dos fatos) relativos a Simão. Não é por acaso que este é o único dos três contos em que o destino da personagem usurpada do direito à escolha amorosa é trágico. A voz interferente do narrador não dispõe da mesma legitimidade e da temporalidade necessária para barrar as arbitrariedades paternas; mas ainda assim se converte, a seu modo, em libelo contra a disposição senhorial. É a esse serviço que estão as escolhas lexicais do narrador em torno dos pólos semânticos decisivos ao direcionamento do conflito. Enquanto do lado de Simão estão semanticamente colocadas palavras que expressam subordinação, do pai, os termos ressaltados são de autoridade, enfatizados por descrições comportamentais ensaiadas e por estratégias de adesão filial.

Se durante toda a vida Simão teve sua voz silenciada pelas imposições paternas e pela própria fragilidade de sua posição na esfera familiar, a narrativa romancizada de suas memórias garante, no entanto, maior veracidade e disposição para questionar o sistema que condicionou sua derrota, impondo uma outra possibilidade de discurso àquele representado pelas figuras paternas no conto. O narrador/autor torna-se, assim, um agente duplo, à medida que, romancizando as memórias do protagonista, incorpora em sua narrativa aparentemente objetiva o “ódio à humanidade” do próprio Simão.

⁹ Mesmo “silenciadas” as mulheres de “Luís Soares” e “O segredo de Augusta” expressam sua negativa quanto ao casamento de interesse, enquanto Simão cala-se diante dos subterfúgios paternos para afastá-lo de Helena. Certamente, há nessa “resignação” da personagem masculina parcela considerável de sua infelicidade final, aspecto que não era visto nas outras duas narrativas.

¹⁰ Em “O segredo de Augusta”, a encenação se dá a partir da tentativa do pai de Adelaide de se fazer provisoriamente carinhoso e preocupado. Quando Vasconcelos não encontra respaldo neste papel, encena o autoritarismo típico de sua função familiar: “- Adelaide, o primeiro dever de uma filha é obedecer a seu pai, e eu sou teu pai. Quero que te cases com o Gomes; há de casar.” (CF, 153).

¹¹ Apesar de não haver parentesco entre Anselmo e Bento (pai de Adelaide), este considerava o amigo fazendeiro como irmão. Em “Luís Soares”, há uma série de expressões que denotam essa irmandade simbólica, tendo como principal agente a incumbência das questões relativas ao testamento e sua desautorização expressa.

CONCLUSÃO

“Frei Simão”, a despeito de ser o primeiro conto publicado por Machado de Assis,¹² esboça em seu conteúdo fragilizado e excessivamente romântico alguns pressupostos e argumentos importantes em sua prosa ficcional posterior. Além de marcar de modo claro a representação do “narrador romancista”, ou seja, da personagem escritora em face da construção de sua própria narrativa, aponta alguns índices das arbitrariedades cometidas pelo sistema patriarcal, sobretudo em relação ao destino matrimonial dos filhos. Mais do que isso, Machado já discute aqui os valores impressos por esta ordem familiar (institucional brasileira) através da voz interferente e questionadora do narrador que, ao lado de outras figuras masculinas presentes em algumas narrativas de *Contos Fluminenses*, tenta neutralizar as consequências drásticas e dramáticas das invioláveis decisões paternas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Contos Fluminenses*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1977. (Edições críticas de Obras de Machado de Assis).
- _____. *Obra completa*. COUTINHO, Afrânio (org.). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1997. V. 1 (romances).
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870)*. Ensaio de biografia intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de Narratologia*. 5ª ed. Coimbra: Livraria Almedina, 1996.
- ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

¹² O primeiro conto escrito por Machado é, na verdade, “Três tesouros perdidos”, publicado no jornal *A Marmota*, em 1858. Para Jean-Michel Massa, este texto é “um breve conto moral, reduzido a um bosqueio esquemático em que as notações psicológicas se reduzem à expressão mais simples.” (MASSA, 1971: 186/7). “Frei Simão” representa o primeiro da carreira contínua de contista do autor, que somente no *Jornal das famílias*, onde foram publicadas a maioria das histórias que compõem seus dois primeiros volumes de contos, publicou cerca de 87 histórias.